

# A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## A «LAGRIMA» NO V ANNO

Rir de tudo e de todos—tem sido o nosso principio. Dar regosijo, jubilo, contentamento ao nosso coração—tem sido o nosso fim.

Os nossos leitores têm tido gosto, satisfação, gozo, em nos acceitar—acompanhando-nos na espiritualidade?

O numero, sempre crescente, de assignaturas, é omnipotente determinante de affirmativa.

Tem sido bem acatada. Eis o nosso orgulho! Tivemos este anno como collaboradores os exm.<sup>os</sup> srs. drs.:

Rodrigo Velloso, Augusto Monteiro, Luegero Ramires, José Ramos, Almeida Ferraz e Martins Lima, conego Antonio Julio de Miranda, padres A. Coimbra, José Velloso, Manoel d'Araujo e Roberto Maciel, e srs. Silva Esteves, Placido Lamella, Augusto Carneiro, Domingos de Figueiredo, Ayres Duarte, Luiz Rebello, Cardoso Pinto, Arthur Esmeriz, Lobo d'Alva, etc.

O espirito da élite barcellense tem-nos honrado o jornal.

O nosso agradecimento.

Festejamos hontem, originalmente, o nosso anniversario.

Nem sempre Espirito; alguma vez Barriga.

A emotividade originada da observancia do Bello e do Sublime, cujo centro de gravidade é o cerebro, deve dar logar á sensualidade do estomago que é a caldeira donde sai o vapor que alimenta a vitalidade humana.

O Cerebro e o Estomago são duas forças poderosas da Vida.

O Estomago foi o soberano da nossa festa.

Uma sala do hotel Cardoso foi ornamentada pelo nosso collega de redacção João Chrysostomo. O bom gosto do nosso amigo guindou-se ás eminencias. Deu ao ornamento um caracter concehlio, aproveitando para isso os nossos melhores productos industriaes.

Mantas de farrapos, de S. Miguel da Carreira, cahiam em requebros lindissimos a uma janella; pratos da fabrica de ceramica barcellense, com aguarellas de pontos pintorescos, de Barcellos, estavam dispostos pela parede; cadeiras do pinho, de tostão, carpinteiradas em Barcellinhos, cercavam a meza do jantar; junto a ellas, no chão, cachos da Apulia; a louça, branca, era toda da Lama; palmatorias de barro, de Gallegos, com velas de sebo, barcellenses, allumiam a recinto;

um panno magnifico, tecido em Chorente, servia de toalha; os copos eram substituidos por malgas amarellas, de Roriz.

O proprietario do hotel revoltou-se, a principio, contra a *innovacão*; porém, depois de lhe fazermos ver que se tratava dum *lagrimesco* jantar onde devia reinar a risota franca, de mocidade alegre, annuiu a tudo.

As 8 1/2, precisas, as serviçaes, vestidas com trajes em uso nas nossas freguezias, traziam o primeiro prato.

Fez-se o primeiro brinde, em antes de se tocar no jantar, como estava combinado, em que se enalteceu o redactor Archeologo, ausente.

Os convidados usavam chapens feitos do «Comercio de Barcellos», «Ideia Nova», «Aurora do Cavado», «Folha da Manhã» e «Lagrima».

Deu-se principio á refeição. Pasteis de Fác; pão pôdre, de Barqueiros; laranjas de doce, de Barcellos; vinhos: verde de Ayró e maduro do Monteiro, de Arcuzello—não foram extranhos a ella.

P. S.—Alguns, da sucia, retiraram com cada *caroça*... Sem ser das de Moure.

## DA «LYRA QUEBRADA»

*Que mão! que scio lindo!  
Que olhar! que voz maviosa!  
Que jubilos, formosa,  
Eu julgo estar fruindo!*

*Teus labios, em sorrindo,  
Parecem uma rosa  
De perolas mimosa  
Pela manhã abrindo!*

*E, ah! quem tocar podesse  
A neve que escurece  
O teu regaço nu...*

*Mulher! Deus me perdê!...  
O Senhor te abençoê,  
Bem dita sejas tu!*

Inodito de ALBERTO MALHEIRO.

## NOTAS DA QUINZENA

A' hora que escrevo estas notas a villa dorme pesadamente.

Um nevoeiro baço, apaga a acção fortemente allumiante dos candieiros publicos.

Sentado a uma tosca meza de castanho, esburacada, côxa, e á luz duma véla de sêbo, de

## A LAGRIMA

fabrico do Manuel Corrêa, rabiseo, com tinta do João Fernandes, algumas tiras de papel.

Tenho o estomago quente de agua-pê, que bebi, fabrico de minha Mãe, uma nonagenaria que viu, com os proprios olhos, os francezos entrarem, desabridos, nesta villa, que as aguas do Cavado banham. Bebida excellente que é o remedio dos pobres e o governo dos ricos.

Sardinhas magnificas, de Espozende, que a minha velhota guarda em salmoura, em junho, pelo S. João—epoca que ellas pingam no pão, como habitualmente ella se expressa, na sua franca rudeza—serviram de lastro á beberagem hygienica.

Como o frio é muito, tenho as pernas cereadas com uma manta de farrapos, confeccionada nos meus lares paternos.

Sinto-me bem nesta humilde choupana, onde não ha sêdas ricas nem quadros preciosos, ouvindo, perto, o ressonar daquella que me deu o sér, que, logo de manhasinha cedo, quando o antigo caixeiro do João da Esquina se levanta para matar o bicho aos trabalhadores matinaes, me vae aquecer o café a fim de eu ir mais quente para o meu trabalho.

Lembro-me agora, nesta serenidade em que immersa a terra do Bom Jesus da Cruz, da quinzena passada, que ficará memoranda para os annos da oratoria como typica, como *sui generis*, em vista da rhetorica que se espreguiçou *donairoso* nas janellas e sacadas, de Barcellos, por *meninos de côro* na arte de José Estevam.

Nada menos de 30 discursos se fizeram ouvir, em Barcellos, em menos de quinze dias!...

Discursou-se—no Asylo dos Sagrados Corações de Jesus; no Recolhimento do Menino Deus; na Associação dos Empregados no Commercio; nos Paços do Concelho por occasião da festa dos bombeiros; durante a *marcha aux flambeaux*, promovida pelos mesmos. Isto não fallando nas conferencias feitas pelos padres da Companhia de Jesus, na Collegiada!...

Quinzena de neve, de frio, mas quente de rhetorica!...

A balda da palração tem semelhança com aquella de fazer annos do fallecido poeta João de Deus:

«..... não caia nessa!  
Olhe que a gente começa  
A's vezes por brincadeira  
E depois, se se habitua,  
Já não tem vontade sua  
E fal-os queira ou não queira.»

Houve uma temporada que nesta villa havia um armazem de correspondentes de jornaes e alargarem pelo paiz fóra as redeas á pelintrice ridicula do «chegou fulano» e «fez annos beltrano.»

... Porém a oratoria—no dizer de A. Mendes

a rainha das artes—presta-se a melhores *effeitos*, o orador atira a granada fraseologica e observa logo o resultado!...

De hoje para o futuro não se conversa sobre as sete mulheres do Gungunhana ou a respeito dos productos excellentes da ceramica de Casal do Nil—*ora-se*.

O emocionado salta para cima dum banco, tosse, faz meneamentos de cabeça e, esbravejando gestos para norte, sul, nascente e poente diz «que não é orador mas no entanto vae levantar a sua debil, desprezenciosa e desautorizada voz,» etc.

E bota discurso *espontaneo*!...



Acaba tambem, de vez, a conversa amorosa, cheia de situações ridentes e cariciosas, serena como o Cavado nas calidas noites de julho; o namorado sente-se electrizado deante da sua *estrella*, devassa a «terra o mar e o mundo» com olhares mysteriosos e descai em lhe impingir destas belezas, como o outro da «Princeza d'Arentela» que elle diz ser filhas da sua alma de sonhador:



«... cara, que esta chamma aliças»  
*Lamparina* d'amor, que me enfeitigas  
Com a luz de teus olhos... sêcca o pranto,  
Que uma *careta* assim mette-nos espanto.

Querida, que que eu adoro com loucura...  
 Como se adora uma isca de forçural...  
 Como se adora a posta de lamproia  
 Comida num jantar á custa alheia.»

Toda a gente estranhou que não fallasse o  
 nosso amigo Antonio Araujo.

Um labrosta ali da freguezia do Salvador, por  
 appellido—Cunha—já de certa idade, e não po-  
 dendo continuar nos serviços da lavoura, tão  
 pesados para o seu corpo, cuja cabeça já pende  
 para o centro da terra, depois de muito matutar  
 na sua vida, resolveu fazer-se barbeiro. Como  
 os meios escasseiam para o luxo de uma loja  
 de portas de vidraça, e a bacia reclamo balou-  
 çando-se ao vento, comprou um lenço de 4 vin-  
 tons, e 10 reis de sabão gallego, arranjou uma  
 navalha que amolou numa pedra de carpinteiro,  
 e com uma cadeira que tinha em casa estabele-  
 ceu-se em plena estrada junto dum regatosinho  
 de agua fresca e limpida; e toca a esperar os  
 freguezes.

A todos que passavam convidava o *novel* bar-  
 beiro a entregar-se ás suas mãos, donde saíriam  
*umas flores*. Depois de muitas recusas, passou  
 um pobre diabo que não tem amor á pelle e ac-  
 cedeu. O *mestre* todo afanoso cobro-lhe o peito  
 com o lenço á laia de toalha, morgulha a mão  
 e o sabão na agua e embarrelha a cara, na  
 callosa mão esquerda espalmada dá fio á nava-  
 lha e começa a grande operação. O desgraçado  
 que se extasiava no grande espelho da naturê-  
 za não tardou a gritar, porque o *mestre*, lem-  
 brando-se dos seus tempos de roçar matto, rapa-  
 vava com toda a gana a cara do homenzinho,  
 donde sahia sangue em vez de alva espuma.  
 Terminada a operação não sem difficuldades, o  
 barbeado parecia, todo golpeado, o Saluchristo,  
 e seguramente metade dos pellos estavam no  
 seu lugar, porque a navalha era das tacs de le-  
 var couro e de deixar cabelo. E tudo isto pela mo-  
 dica quantia de 10 reis.

Mineiro, Freitas, Penteadinho e quejandos,  
 abaixae o preço dos vossos trabalhos, e amolae  
 bem as vossas navalhas porque um grande ca-  
 taelysmo vos espera. Não tardará muito que o  
 vosso competidor Cunha se estabeleça no Campo  
 da Feira, e então, ai de vós todos! haveis de fe-  
 char os olhos porque a freguezia ha de fugir-  
 vos deixando-vos ás moscas! Tende cuidado com  
 a pelle da humanidade, se não ver-vos-heis obri-  
 gados a ir cavar batatas, compensando a falta  
 que a Cunha faz á lavoura! Lembrae-vos do  
 que «deixando-vos a vossa amigo é» e de que  
 só mais tarde venha o arrependimento quando o  
 mal já não tiver remedio! Juisinho, enquanto  
 é tempo!

As cousas mais serias tambem tem o seu la-  
 do chistoso.

Na Collegiada dois padres da Companhia de  
 Jesus tem, desde domingo, exhortado os povos  
 d'esta villa e redondezas á pratica do bem se-  
 gundo as theorias de Santo Ignacio de Loyola,  
 e para isso aproveitar a todos fazem diaria-mente  
 duas conferencias, uma de dia especialmente  
 para o sexo fragil, e a segunda á noite exclu-  
 sivamente para o sexo barbado. A esta ultima  
 sorve de guarda portão o Zé da Mãe que prohi-  
 be o ingresso ás mulheres. Porém, uma enten-  
 dendo que a predica diurna não é bastante para  
 a remissão dos seus peccados e salvação da sua  
 alma, vestiu-se de homem, e o lorpa do Zé da  
 Mãe não deu por tal.

Dizem-nos que um sacerdote recommendava,  
 ha dias, ás mulheres ontamneal-as—Não façam  
 barulho, o melhor é irem de socos na mão—Ellas  
 assim faziam, e o duro pau dos socos substitui-  
 se pola sensível carne dos pés, porque são tão  
 ignorantes que nem sequer sabem andar em *pés*  
*de lá*.

Num dia da penultima semana a rua Barjona  
 de Freitas fez-nos lembrar a recebedoria em dias  
 de pagamento em razão do movimento desusado  
 que lhe notamos.

Em frente da casa do Alves tornava-se difficil  
 o transito tendo, por varias vezes, o zelador Dias,  
 de terçado em punho, de abrir por entre a massa  
 popular, caminho aos viandantes.

Homens de letras, artistas, artifices, empregados  
 no fóro e no commercio, militares, etc. tudo  
 ali se via agglomerado.

Pareceu-nos aquillo, *ás primeiras*, nma mani-  
 festação qualquer a algum vulto importante, da  
 terra.

O Sopa, Ferreira e André, discutiam choios  
 de animação á esquina da Praça.

Estranhámos que o José Mattos, que é sempre  
 a alma de todos os enthusiasmos, não constituis-  
 se ali familia naquella colmeia de patricios; diri-  
 gia em mangas de camisa, no largo á beira, a tor-  
 resação dum café, que espalhava pelo ambiente  
 um aroma delicioso, sem se importar do que reu-  
 nia ali aquella gente.

No meio dessa effervescencia destacava-se o  
 Marcos Emilio, que andava a entrar e a sahir de  
 casa do Alves, a rir-se e a segredar com varios  
 indivíduos.

Era tempo de sabermos a decifração daquelle  
*enigma*; e de facto elle teve a sua solução imme-  
 diatamente: o Silva segredou-nos ao ouvido:

—«Fique certo duma coisa, a banda «Barcellen-  
 se» póde, de hoje para o futuro, equiparar-se á  
 dos Paivas. Veja os instrumentos muzicos que  
 vieram do Porto para ella, que estão em «exposi-

## A LAGRIMA

ção ali no balcão do Alves. A mim vão-se-me os filhos nos *phalistornios*.

Nesta altura o Monte do Carmo segurando o Silva por uma orelha, em ar da chalaga:

—«Menino: deve dizer em vez de *phalistornios* *fiiscornes*.

E tudo ficou em paz...  
(Menos o Silva—que e's: ficou ás moscas...)

*Tu vales mais—Ritinha  
Do que cem mil duquezas,  
E's mais que uma saphira  
Cercada de turquezas.*

A.

### NOTICIAS DIVERSAS

Veio hontem a esta redacção uma commissão, composta de cavalheiros de todas as classes socias de Barcelles, participar-nos que o sr. João Baptista da Silva Guimarães, illustre fidalgo de Marrancos, faz hoje annos.

Essa commissão convidou-nos a tomar parte nun cortejo que se organisará hoje, ás 3 horas da tarde, no Campo de D. Carlos e se dirigirá pela Pedra do Couto, ruas Nova de S. Bento e de Trás das Freiras, Campo de D. Luiz, rua de S. Vicente, Campo de S. José, ruas da Barreta, do Duque de Bragança e Direita, até á casa de aquelle illustre titular, a fim de lhe apresentar as suas felicitações.

Adheriu de boa vontade, a essa sympathica manifestação não só o proprietario deste jornal, seus redactores, collaboradores, administrador, responsavel e revisor, como ainda o director da typographia onde impressa a «Lagrima», todos os typographos, batedor, impressor e distribuidores.

A commissão agradeceu a espontaneidade da nossa adherencia e disse-nos que já tinha outras mais como—a da commissão dos festejos a S. João, que se realisaram nesta villa em 1890; a de Bento José Moreira, e a de todos os officiaes; a de uma commissão de *afficionados* da banda «Barcelense»; a dos ex.<sup>mos</sup> srs. Pote, Panella, Manoel Gallego, Mauricio & Motta, e a da junta de parochia de Villar do Monte.

Vae, pois, Barcelles presenciar uma manifestação apothesadora, a um dos seus mais dilectos filhos.

Nada tão sympathisante como esta manifestação ao popular—João dos Pretos.

A justiça da opinião publica é uma grande estatua moral.

Sendo o Pote parente, por *infimidade*, do Fernando Barulha e este cunhado do Miguel da Maxima, que é primo do Francisco Eirogo e tio do Reboreda, por sua vez cunhado do Cordinhas, sogro do Jeronymo Nagalho, que vem a ser tio do

Panella e segundo primo do Izeal, e por parte de Maria dos Anjos, sem ser irmão do Clemente, que parentesco tem o Trintareis com o Urbano Nabuco?

Temos uma lembrança excellente: quando fizer annos a Ritinha Bessas, a mais alegre mulher de Barcelles, manda-se fazer uma rosca de *pão padre*, das Necessidades, com um ratinho vivo dentro e vae um grupo de mancebos barcellenses offerecer-lha.

E' uma surpresa gaiata.

Com a noticia da prisão do Gungunhana encheu-se tanto de patriotismo uma creada do servir, ali de campo de S. José, que fugiu com um militar da segunda reserva.

Batem-se amanhã em duello, numa bouça proxima ao cemiterio publico, os barbeiros Basilio e Mineiro. Este achou-se offendido por aquelle affirmar que era capaz de lhe dar um *estalo na cara* sem se pôr em bicos de pé. De ahí troca de explicações e o *desafio*.

Ignora-se quem sejamos padrinhos.

A arma escolhida é o «chenelinho».

Continuam, depois de um parentesis de interrupção, a ser lançadas aos cães vadios as *bólas venenosas*.

Ora nós que andamos ha quatro annos a lançar *bólas* a tanta gente, que as tem engulido,—sem que até hoje se tenha a lastimar sequer ao menos a perda duma vida!...

Na Associação dos Bombeiros, no dia da sua festa, muzicos e praças tiritam num a sala do seu quartel por occasião da alvorada.

Não obstante o frio, de que estão possuidos, ha uma discussão acalorada a respeito da *pobreza*. Dizia um, dos do grupo, que os pobres eram quasi sempre uns desgraçados; tudo que era infellicidades os perseguia. Entra na conversa, com a sua *colherada*, o Clemente, caixa branda da phylarmonica da Companhia:

—«Ainda o pobre tem uma coisa a seu favor, o háver burros. Quando não alçavam a perna sobre um homem e diziam, por exemplo: «Clemente», para Remelhe. E lá ia uma pessoa a fazer de azemola...»

Na *Aurora do Cavado* o *Commercio de Barcelles* na descripção das festas dos bombeiros odde se lê um cartucho de figos deve ler-se um arratel (peso antigo) de batatas.

Responsavel:—João G. da Silva